



## FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLEXÕES E DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

CAROLINE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS<sup>1</sup>; ISABEL BONAT HIRSCH<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – caroline.castanha.lemos@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - UFPel – isabel.hirsch@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência que busca apresentar e refletir sobre minha formação como educadora musical, por meio do projeto de extensão Formação Continuada em Educação Musical – FOCEM, analisando minha trajetória, e comparando o funcionamento regular, em seu formato presencial, e seu funcionamento atual, no formato remoto. Quer-se aqui analisar as diferenças, dificuldades e facilidades encontradas por mim em ambas formas de funcionamento deste projeto. Para tanto, é preciso, inicialmente, realizar uma apresentação formal do FOCEM ao leitor.

Segundo aponta LEMOS (2018), este projeto de extensão surge em 2009, com o nome Oficina de Repertório para Professores - ORMP, e “tal nomenclatura fazia referência ao objetivo inicial do projeto: dar suporte musical para professoras de referência e da área arte, através de oficinas de violão, flauta doce, e canto coral”. Esta proposta era – e assim segue – uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas (SMED) e o curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Os encontros aconteciam semanalmente, com 4h de duração, e tinham por objetivo estabelecer um repertório para utilização em sala de aula.

Com o passar dos anos, os envolvidos no projeto perceberam que a metodologia utilizada não era a mais favorável para o público alvo, uma vez que as professoras apresentavam dificuldades para desenvolver o aprendizado em um instrumento, sem antes passarem pelo processo de musicalização. Por este principal motivo, o projeto foi reformulado. A partir daí, o objetivo da oficina não era mais a formação de repertório, mas sim, a musicalização das professoras atendidas. O projeto passa então a ser realizado ainda semanalmente, mas com divisão em Módulos (básico, intermediário, avançado), além da realização de oficinas itinerantes em Pelotas-RS e cidades da região. Em 2017, conforme aponta LEMOS (2018), houve a necessidade de recadastramento do projeto, que, então, passou a chamar-se Formação Continuada em Educação Musical – FOCEM.

Cabe aqui destacar que a necessidade da compreensão musical, por parte das educadoras atendidas no projeto, está justificada na fala de REINICKE, HIRSCH e MANZKE (2016), que afirma que:

Quando o professor unidocente possui a capacidade de discernir os conteúdos básicos e executá-los, o mesmo terá condições favoráveis para abordar uma aula qualitativa de música e potencializar o conhecimento musical de seus alunos (REINICKE, HIRSCH e MANZKE 2016, p. 37).

Minha experiência com o FOCEM iniciou-se em maio de 2017, quando passei a integrar o projeto como monitora voluntária, durante meu 1º semestre de graduação no curso de Licenciatura em Música. Em outubro do mesmo ano, passei a atuar como bolsista, até o encerramento das atividades do FOCEM em janeiro de 2018. Infelizmente, o ano de 2018 foi marcado pela não realização

deste projeto, uma vez que não houve professores interessados em assumir a coordenação do projeto, durante o afastamento da professora idealizadora. Porém, no 2º semestre do ano seguinte, o FOCEM retornou com força total, atendendo uma turma com cerca de 25 professoras, que realizaram encontros semanais, no Centro de Artes da UFPel, contando com o auxílio de 6 monitores.

O ano de 2020 tem sido um ano atípico para todas áreas de atuação, e não seria diferente com o FOCEM. Por conta da pandemia gerada pelo Covid-19, não houve encontros presenciais do projeto, que migrou por completo para as plataformas digitais, sendo realizado remotamente desde agosto deste ano. É a partir desta perspectiva que busco desenvolver o presente trabalho, relatando como, de fato, tem sido a experiência de migrar um projeto essencialmente presencial, para uma totalidade remota.

Em fevereiro de 2020, passei a residir na cidade de Bragança, em Portugal, onde me encontro atualmente para realizar um período de Mobilidade Acadêmica, junto ao Instituto Politécnico de Bragança. Por este afastamento, tinha conhecimento de que não seria possível a minha participação junto ao FOCEM. Porém, o novo cenário pandêmico alterou o planejamento não apenas da minha mobilidade, mas de toda a sociedade acadêmica. Desde o primeiro momento em que se deliberou sobre a realização do FOCEM de maneira remota, eu não tive dúvidas de que queria fazer parte deste processo, e continuar próxima, mesmo que digitalmente, das professoras participantes, dos meus colegas monitores, e da minha instituição de origem.

## 2. METODOLOGIA

Migrar do presencial para o remoto foi um desafio que, inicialmente, gerou mais de um mês de reuniões de planejamento entre a professora coordenadora, e os monitores envolvidos. As diferenças entre o ensino presencial e o ensino remoto vão além as questões físicas, gerando preocupações também tecnológicas com relação as atividades a serem realizadas. MOTIN *et al* (2020), apresentam alguns dos motivos que tornam o processo migratório complicado, tanto para os alunos, quanto para os professores:

Podemos afirmar que algumas dessas insuficiências são a falta de formação específica para professores e o entendimento por parte da sociedade e o precário acesso da comunidade escolar a recursos tecnológicos, como computadores e internet de qualidade (MOTIN *et al*, 2020).

Para compreensão do modelo de ensino não presencial aplicado neste projeto, e em grande parte da comunidade acadêmica, é preciso reconhecer os principais modelos existentes: a Educação a Distância (EaD) e o Ensino Remoto. MOTIN *et al* (2020), de maneira simples, exemplificam a EaD, que, segundo eles, “permite que o estudante crie seu próprio horário de estudos, escolhendo o seu ritmo e a melhor maneira de aprender e estudar, e quando necessário, pode ter orientações de um professor tutor”. Já o ensino remoto, é definido pelos autores como sendo

baseado na transmissão em tempo real das aulas. A proposta é que professor e estudantes de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorriam no modelo presencial. [...] Para as aulas remotas, se faz necessário o uso de plataformas digitais para esse encontro por “telas” (MOTIN *et al*, 2020).

Sendo sabedores de funcionamento de cada um dos formatos, ponho aqui que o modelo efetivado pelo FOCEM 2020 foi o da Educação a Distância (EaD).

Partindo deste ponto, é possível traçar um breve comparativo entre o formato presencial e o formato a distância.

BORSTEL, FIORENTIN E MAYER (2020) destacam que “a mobilidade e o acesso à informação são uma condição para as sociedades contemporâneas”. Em contra partida, os autores apresentam o dado de que a maioria dos professores consultados em sua pesquisa, não via a necessidade de “adaptar suas práticas de ensino às propostas e possibilidades dos recursos tecnológicos”.

Partindo deste ponto, percebe-se que o ensino presencial, na visão de parte considerável da classe docente, tem caráter essencial na formação intelectual e social do indivíduo, sendo a escola um espaço de “socialização, interação, constituição de valores, responsabilidade, entre tantas outras questões escolares” (FUCHS E SCHÜTZ, 2020). Desta forma, a aplicação do ensino remoto, no atual contexto, surge como forma de diminuir os efeitos colaterais do isolamento social, criando um espaço que seja capaz de manter a rotina escolar e a socialização dos alunos.

Além disso, a deficiência de conhecimento tecnológico, por parte dos professores, é um ponto que interfere diretamente no presente trabalho, uma vez que são esses mesmos professores que integram o público alvo do FOCEM.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diferentemente do ocorrido em 2019, em que apenas havia o Módulo 1 do projeto, em 2020 o FOCEM conta também com o Módulo 2. Neste contexto, optei por ser monitora no módulo 1, com as professoras iniciantes, uma escolha baseada em dois pontos: 1. Conhecimento prévio do contexto de atendimento à turmas iniciantes; 2. Conhecer e lidar com as adaptações e dificuldades que se apresentassem. Sendo assim, na primeira terça-feira de agosto foi realizado o primeiro encontro com as professoras. O módulo 1 conta com 4 monitores, dois do primeiro semestre, um do terceiro, e comigo, que curso o quinto semestre. Atendemos 11 professoras, dentre as quais duas optaram por apenas acompanhar as propostas, sem a obrigação de darem retorno.

No formato presencial, os encontros aconteciam semanalmente, com cerca de 2h30min de duração, e uma média de 5 a 8 atividades por encontro, sendo a turma de 2019 composta por 25 professoras e 6 monitores. Já em 2020, o número de atividades caiu para 2 por semana, enviadas de maneira assíncrona, em vídeo, para a plataforma Google Classroom, e um encontro síncrono por mês, realizado na última semana, na plataforma Zoom, com objetivo de retomar as atividades que geraram maior dificuldade naquele mês.

Além das mudanças estruturais, modificamos também o formato das atividades: em geral, as atividades musicais utilizadas na metodologia do projeto, são realizadas em duplas, trios, ou grandes grupos, sendo poucas aquelas realizadas individualmente. Isto abriu um processo de reflexão e adaptação das ações que seriam realizadas, além de ser necessária a pesquisa por atividades que contemplem a demanda de conteúdos essenciais à musicalização mantendo o formato individual. Cabe neste ponto evidenciar que, desde o princípio, busco incentivar que, sempre que possível, as professoras façam as atividades com as pessoas que moram com elas.

Após o envio das atividades, as professoras tem o prazo de 6 dias para gravarem um vídeo realizando as atividades, e enviarem na plataforma Classroom.

Em setembro, por sugestão minha, passamos a realizar monitorias com as professoras, pois percebemos que algumas tem grandes dificuldades, e outras deixam de enviar o material por vergonha ou medo de não estar realizando da

maneira correta. Este ponto merece destaque, já que no formato presencial sempre foi perceptível a vergonha por parte do público alvo, porém, no decorrer dos encontros, a descontração sempre esteve presente, deixando as participantes mais tranquilas semana a semana. Com isto, o número de não participação das atividades pontuais é muito maior no formato EaD.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao final deste estudo, penso que não existe uma conclusão, mas sim um espaço para reflexão final deste momento. O processo de adaptação do FOCEM para o modelo EaD tem proporcionado uma transformação, não apenas do projeto, mas de todos aqueles que fazem parte do seu desenvolvimento. Para mim, trata-se de um processo de compreensão dos limites e dificuldades individuais, e de busca pela adaptação dos envolvidos, adaptação dos processos, e adaptação do grupo, uns para com os outros. Cito, por exemplo, uma ideia posta aos monitores, por mim, que passou a ser testada no mês de setembro, e que já tem apresentado alguns frutos: as monitorias individuais. Percebendo a demanda de dificuldades das professoras, sugeri iniciarmos a realização de monitorias individuais, para que as professoras tenham mais um suporte no momento da realização das atividades, e o olhar clínico dos monitores voltado para as dificuldades específicas de cada uma delas. Dessa forma, podemos perceber e avaliar maneiras de colaborar com a construção do conhecimento musical das professoras envolvidas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORSTEL, V.V.; FIORENTIN, M.J.; MAYER, L.; Educação em tempos de pandemia: constatações da Coordenadoria Regional de Educação de Itapiranga In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J.A.; MAYER, L.; (Org.). **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2020. P. 247-260

FUCHS, C.; SCHÜTZ, J.A.; Pensar a (Im)Possibilidade da escola em tempos de pandemia: Reflexões a luz de Masschelein e Simons. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J.A.; MAYER, L.; (Org.). **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2020. P. 60-86

LEMONS, C.C.de A. de L.; MANZKE, V.H.R.; Formação continuada para professores unidocentes: sentidos e reflexões a partir da prática como ministrante da oficina de repertório musical para professores. In: **XVIII ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL**, Santa Maria, 2018. Santa Maria: Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM, 2018.

MOTIN, M.F.; MORAES, G. C.; BASTOS, I.P.; BUSATO, R.; ALES, V.T.; O Ensino remoto de disciplinas do eixo da Matemática em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J.A.; MAYER, L.; (Org.). **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2020. P. 247-260

REINICKE, P.K.S.; HIRSCH, I.B.; MANZKE, V. Formação continuada para professores unidocentes: sentidos e reflexões a partir da prática como ministrante da oficina de repertório musical para professores. In: **25º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO**, Montenegro, 2016. Montenegro: Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE, 2016, n. 25. P. 34-39.